

Acerca da cultura do vaso campaniforme em Portugal

POR

Octávio da Veiga Ferreira

Dos Serviços Geológicos de Portugal

A cultura do vaso campaniforme tirou o seu nome do característico vaso em forma de campânula, e, segundo vários autores, é originária da Bacia do Gualdiquivir, no Sul de Espanha (1).

Acredita-se que o vaso campaniforme tenha nascido por evolução da cerâmica das grutas do centro da Península. Entre esta, encontra-se a do vaso semiesférico e a do vaso de fundo convexo e corpo cilíndrico que são, justamente, as formas mais vulgares na cerâmica da cultura do vaso campaniforme. Geralmente, o vaso campaniforme ou em forma de cálice de pé alto, apresenta dois aspectos: um muito ornamentado, de perfil sinuoso,

(1) O problema do vaso campaniforme e sua origem, tem sido debatido por ilustres investigadores. Schmidt localizou o foco desta cultura na Península Ibérica. Bosch Gimpera e Alberto del Castillo situaram a sua origem na Bacia do Gualdiviquir, no Sul da Espanha. Não é, em nosso ver, aceitável a hipótese de Santa Olalla, dum origem africana deste vaso. Não partilhamos também da hipótese de vários autores, que não conhecendo bem os problemas de arqueologia mineira peninsular, colocam a origem do vaso campaniforme no Oriente. Em nosso entender, é absolutamente absurdo, fazer irradiar uma cultura florescente, para a época, de paragens onde o cobre e, sobretudo, o estanho é raro, sabendo-se que a cultura do vaso campaniforme acompanha o desenvolvimento da manufactura destes metais.

ou seja, bojo semiesférico e parte superior ou gola saliente; outro com decoração mais pobre ou menos vistosa, paredes quase verticais, gola menos aparente, perfil menos sinuoso.

O vaso de boca larga ou tigela apresenta dois tipos especiais: o primeiro tem o perfil achatado e bojo curto; o segundo possui bojo curto ou quase e bastante alto. As taças ou pratos de larga abertura apresentam igualmente dois tipos; o primeiro de bojo mais ou menos circular; o segundo de bojo mais ou menos cónico.

É evidente que se trata de tipos de vaso campaniforme duma maneira geral, pois que, muitas vezes, conforme o local onde o núcleo campaniforme se desenvolveu, assim aparecem modificações na forma, motivos, ornamentação, etc.

A ornamentação apresenta, também duma maneira geral, os seguintes aspectos: linhas rectas ou em ziguezague (*chevron*), linhas pontilhadas, formando xadrez, rombos, quadrados, etc. Por vezes, zonas ornamentadas alternam com zonas lisas, formando faixas paralelas que cobrem toda a superfície do vaso.

A técnica desta ornamentação é muito variável. Assim, podem apontar-se: a incisão, o pontilhado, o cordado, os círculos redondos? e a ornamentação feita com pente ou com *cardium*. A maneira de executar a primeira destas técnicas, consiste em aplicar levemente uma punção sobre o barro ainda fresco gravando a linha sem o levantar da superfície. A segunda reduz-se em picar, ao de leve, o desenho que se deseja sempre com a mesma regularidade. A técnica cordada, muito raramente empregada (1), não está ainda

(1) Nils Aberg considera-a nórdica. Em Portugal conhecem-se dois fragmentos que, embora maus, parecem pertencer a esta categoria.

Nils Aberg — 1921 — *La civilization énéolithique de la Péninsule Ibérique*, Upsala; O. da Veiga Ferreira e J. Camarate França — 1951 — *A estação prehistórica do Alto do Montijo (Sintra)*. «Trab. da Soc. Port. Antrop. Etnol.», vol. XIII,

suficientemente explicada. Empregariam os oleiros dessa época para a obter, um pequeno cordão de esparto aplicado contra a massa fresca do barro? O emprego de tecidos era já então frequente, e pode dizer-se, mesmo, que a sua técnica havia muito estava generalizada (1). Os círculos redondos que aparecem como motivo ornamental, embora com raridade, em estações do campaniforme, eram conseguidos pela aplicação sobre a massa fresca do barro do caule seco duma plantá, possivelmente o trigo (2), prèviamente cortado. Esta ornamentação é das poucas que aparecem pela parte interior dos vasos desta época (3).

A cerâmica cardiada ou cardinal era conseguida pela impressão na massa ainda fresca do bordo duma valva de *cardium* possivelmente *cardium edule*, tão vulgar nas nossas estações prehistóricas a partir do Mesolítico (4). A técnica do pente, como

fasc. 1-2, Porto; E. Prescott Vicente e E. da Cunha Serrão — 1951 — *O castro eneolítico de Olelas — Breve noticia*. «Trab. da Soc. Port. Antrop. Etnol.», vol. XIII, fasc. 1-2, Porto.

(1) A. Viana, J. Formosinho e O. da Veiga Ferreira — 1949 — *Duas raridades arqueológicas*. «Rev. Sind. Eng.os Aux.es», n.º 24, Lisboa.

(2) São conhecidas várias espécies de gramíneas e outras plantas cultivadas desta época. Veja trabalhos de A. do Paço e E. Jalhay sobre o Castro de Vila Nova de S. Pedro e ainda: Fritz Netolitzki — 1935 — *Kulturpflanzen und holzerest dem prohistorischen Spanien und Portugal*. «Buletinul Fac. de Stiinte din Cervânti», vol. IX; J. M. Santa Olalla — 1946 — *Cereales y plantas de la cultura ibero-sariana en Almizaraque (Almeria)*. «Cuadernos de Hist. Primitiva», ano I, n.º 1, Madrid.

(3) Vasos do tipo de Vila Nova de S. Pedro, Agualva, Torres Vedras, etc., E. Jalhay e A. do Paço — 1945 — *El castro de Vila Nova de S. Pedro*. «Actas y Mem. de la Soc. Esp. Antrop. Etnog. y Preh.», t. XX, Madrid; O. da Veiga Ferreira — 1953 — *O monumento prehistórico de Agualva (Cacém)*. «Zephyrus», IV, Salamanca.

(4) A abundância de *cardium edule* nos concheiros de Muge é notável. Nas últimas escavações foram encontradas quantidades enormes.

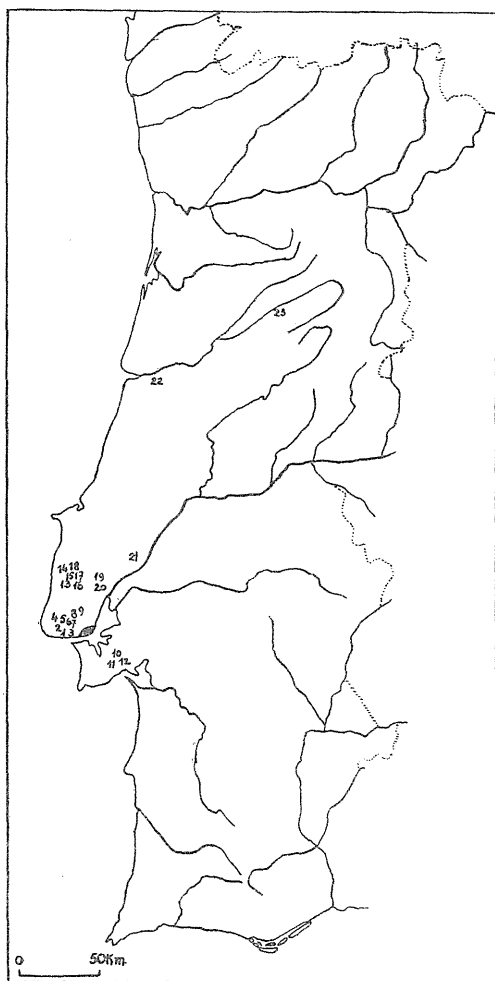


Fig. 1 — Principais estações da cultura do vaso campaniforme em Portugal: 1 — Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril; 2 — Grutas artificiais de Alapraia; 3 — Gruta natural da Ribeira da Lage; 4 — Monumento do Monge; 5 — «Tholos» de S. Martinho de Sintra; 6 — «Tholos» de Aqualva; 7 — Grutas artificiais de Carenque; 8 — Castro de Liceia; 9 — Castro de Oielas; 10 — Grutas artificiais de Palmela; 11 — Castro de Chibanes; 12 — Castro de Rotura; 13 — «Tholos» do Cabeço da Arruda (Torres Vedras); 14 — «Tholos» da Serra das Mutelas; 15 — «Tholos» do Barro; 16 — Abrigo da Cova da Moura; 17 — Gruta artificial da Ermegeira; 18 — Castro do Zambujal; 19 — Castro de Vila Nova de S. Pedro; 20 — Castro da Pedra de Ouro; 21 — Gruta artificial de Pernes; 22 — Abrigo da Eira Pedriaha; 23 — Monumento do Seixo.

o nome indica, era feita utilizando um pente rudimentar de osso, pedra ou mesmo metal (cobre). Essa técnica começa antes da introdução do vaso campaniforme e prolonga-se pela época do bronze, nalgumas regiões.

Expostas estas notas sobre o tipo de vasos que, aliados a uma utensilagem própria, conduziram ao reconhecimento de uma nova cultura peninsular, assim como à sua provável origem, passaremos em revista, as principais culturas do Eneolítico português.

Numa pequena nota publicada nas Comunicações dos Serviços Geológicos figurou-se num esboço gráfico essa distribuição (1). Afigura-se-nos importante expor o nosso ponto de vista quanto a este problema da cultura do vaso campaniforme em Portugal, em relação com outras culturas coevas, mais antigas ou mais modernas, quer indígenas, quer invasoras, porque isto ajudar-nos-á a enfrentar o problema do pretensu campaniforme nortenho.

No Eneolítico (continuaremos a designar assim este importante período da prehistória peninsular), poderemos considerar em Portugal cinco núcleos culturais que se distinguem uns dos outros por várias características:

1.º — Cultura eneolítica do Sul — povos metalúrgicos, vindos de Almeria, que influenciaram as zonas cupríferas do Algarve e parte do Alentejo (cultura de Alcalar e monumento do Lousal, Odivelas, Reguengos de Monsaraz, etc.);

(1) O. da Veiga Ferreira e A. Rodrigues Cavaco — 1952 — *O monumento pre-histórico do Lousal (Grândola)*. «Com. dos Serv. Geol. de Portugal», t. XXXIII. Lisboa.

2.º — Cultura dolménica S. S., com as três fases apontadas pelo Prof. Heleno (1);

3.º — «Cultura mista», isto é de povos indígenas, como os da região de Lisboa que sofreram, mercê da sua situação geográfica, influências do campaniforme, e de outras culturas, como a da Almeria;

4.º — Cultura do vaso campaniforme, das regiões de Lisboa, Setúbal e Vale do Mondego (vinda da Andaluzia por via marítima);

5.º — Cultura eneolítica do Norte de Portugal, povos da cultura megalítica portuguesa que sofreram possivelmente influências dos grupos culturais da Galiza? (a pretensa infiltração da cultura do vaso campaniforme de Espanha ao longo do rio Douro, até Portugal não está suficientemente comprovada).

A cultura eneolítica do Sul, ou dos povos que buscavam o cobre, é de maneira geral, pobre. Exceptua-se a região de Alcalar, pois é de crer, que os alcalarenses, embora sofressem, também, a influência de Almeria, deviam ter actuado mais como comerciantes, de que como mineiros. Estavam mais no litoral, perto da embocadura dum a ria, a de Alvor que, nesse tempo não estava certamente, assoreada como hoje. Sabe-se que talvez um milhar e meio de anos depois, nos tempos dos cartagineses, existia ali um famoso porto (Portus Hannibalis). Sendo assim, deveriam constituir um povo ou tribo próspera. Provam-no os restos dos seus sumptuosos monumentos funerários colectivos, e o espólio que neles se encontrou (2). A cerâmica desta cultura é pobre, lisa,

(1) M. Vaultier e G. Zbyszewski — 1951 — *Le dolmen do Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos)*. «Trab. da Soc. Port. Antrop. Etnol.», vol. XIII, fascs. 1-2, Porto.

(2) Estácio da Veiga — 1893 — *Ant. Mon. do Algarve*, Lisboa.

sem vestígios de qualquer ornamentação. O barro é impuro e grosseiro. A utensilagem, quer lítica, principalmente as pontas de seta, quer de cobre, é notável. No capítulo religioso são importantes os ídolos encontrados (cilindros gravados, falanges de boi gravadas, placas antropomorfas de osso, etc.), como adorno; contas de calaíte ⁽¹⁾, e doutras matérias.

A cultura dolménica, com as suas três fases de desenvolvimento (seg. o Prof. Heleno), apresenta como aspectos dominantes as placas ídolos de ardósia, a cerâmica de tipo dolménico lisa, grande variedade de tipos de indústria lítica, assim como ausência quase total de contas de calaíte.

A cultura que pode chamar-se «mista» está representada nalgumas das grutas ou povoados entre o litoral atlântico, onde se tinha instalado a cultura do campaniforme, e a cultura dolménica. Por vezes existem mesmo dentro da área ocupada pela cultura do vaso campaniforme e, não é raro, encontrar grutas com elementos tipológicos desta cultura sem o seu vaso característico. Nesta cultura, que contém também influências almerienses, ou mais propriamente termo de passagem entre a cultura dolménica portuguesa e a cultura do vaso campaniforme, pode observar-se o seguinte: material lítico variado como na cultura dolménica, placas ídolos com os célebres báculos, botões de osso ou marfim, próprios da cultura do vaso campaniforme, raras contas de calaíte ou grande abundância conforme a sua situação em relação ao litoral ⁽²⁾, e cerâmica com ornamentação especial (motivos: profundas incisões, bordos golpeados, muitas faixas onduladas feitas com um pente, imitação grosseira dos chevrons

(1) O. da Veiga Ferreira — 1951 — *Os artefactos pré-históricos de calaíte e sua distribuição em Portugal*. Assoc. dos Arq. Port. «Arqueologia e História», vol. v, Lisboa.

(2) O. da Veiga Ferreira — 1951 — *Os artefactos*, etc.

do campaniforme, unhas, série de pontos feitos a punção, mas irregulares e grosseiros). A cerâmica é ordinária, a pasta grosseira, os bordos espessos, etc. Em casos raros aparece um ou outro vaso ou fragmento típico da técnica campaniforme, produto evidente de trocas ou transacções com os povos da cultura do vaso campaniforme.

O Grupo campaniforme do Baixo Tejo, é representado, especialmente, pelas estações de Palmela, de S. Pedro do Estoril, Alapraia, Carenque (grutas artificiais), Monumentos do Vale de S. Martinho (Sintra), do Barro, da Serra das Mutelas, do Cabeço da Arruda (Torres Vedras), de Monge, de Aguálva (Cacém), povoados como o de Rotura, de Chibanes, de Vila Nova de S. Pedro, de Olelas, de Liceia, etc., grutas naturais como a da Cova da Moura (Torres Vedras), a da Ribeira da Lage (Oeiras), a da Eira Pedrinha (Condeixa), etc., etc.

Esta cultura, ao fixar-se nas embocaduras do Sado, Tejo e provavelmente Mondego, progrediu sempre ao longo dos rios, ou do litoral, e trouxe consigo, além de outros produtos e influências estranhas, o vaso campaniforme.

O conjunto tipológico da cultura do vaso campaniforme traduz-se de maneira geral, pelo seguinte: cerâmica campaniforme típica, ou com inovações locais, por exemplo, o bordo de taça tipo Palmela, ou os delicados cálices ornamentados de S. Pedro do Estoril ou, ainda, as taças de Alapraia e alguns vasos de Torres Vedras (Cova da Moura), pouca variedade de instrumentos líticos, ausência de alabardas e punhais. As pontas de seta são de maneira geral compridas e elegantes, muito bem retocadas e de base côncava ou com aletas características: botões de osso ou de marfim de tradição egípcia com a forma de tartaruga e furação em V, punhais de cobre de tipo egípcio, pontas de seta de cobre de folha larga (em folha de ulmeiro), punções de cobre, raros machados delgados de cobre de tipo primitivo, abundantes contas, ber-

loques e enfeites de calaíte, ídolos de osso de gola, ídolos de calcário ornamentados ou lisos, falanges de boi gravadas e pintadas, enxós de mármore encabadas, grande utensilagem doméstica e de adorno (espátulas, alfinetes de cabeça postiça, agulhas, furadores, pequenas estatuetas zoomorfas representando roedores, etc.), crescentes de calcário, objectos em forma de pinha ou flor de palmeira, objectos de ouro (anéis em espiral, brincos, diademas, braceletes, etc.). É certo que alguns destes elementos aparecem noutras culturas da época, especialmente na que foi designada por cultura mista, mas isso é compreensível.

O que não pode deixar dúvidas, é que este conjunto tipológico acompanha o vaso campaniforme. Há outra circunstância interessante nesta cultura, em Portugal: *pertencem-lhe todas as grutas artificiais e as «tholoi»* (1).

Estas considerações, a enumeração do conjunto tipológico e a citação das jazidas, parecem-nos necessárias para se entrar na discussão do ponto crucial da presente nota, isto é, a existência ou não, da cultura do vaso campaniforme no Norte do País: Minho, Trás-os-Montes e Douro.

Citamos no início deste trabalho, a existência no Norte duma cultura eneolítica, povos da cultura megalítica portuguesa que sofreram influências possíveis da Galiza? Essas influências podem ter-se feito sentir, talvez, nos povoados castrejos dessa época. Estas, em nosso entender, devem estar nas mesmas circunstâncias das da chamada cultura mista ou de passagem assinalada, como se viu, no Sul. Numa visita que fizemos ao Norte, vimos as colecções de cerâmica colhidas em vários pontos. Já havíamos suspeitado que não pertenciam à cultura do vaso campaniforme,

(1) Georg e Vera Leisner chamam «tholoi» aos monumentos de tipo almeriense. Não partilhamos, porém, este modo de ver. (V. F., 1951, vol. XIII, fascs. 1-2 dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», págs. 182-183. Porto).

nem de tipo campaniforme, quando ao procurar bibliografia para o estudo do monumento de Agualva, lemos algumas notas sobre a cerâmica da Penha (Guimarães), Mairós (1), Soutilha, S. Lourenço, Chaves, etc. Feita a comparação entre esses fragmentos do Norte e os da Casa da Moura (Cesareda), Gruta da Furninha (Peniche), Grutas de Cascais, etc., verificamos a sua semelhança (2).

Como se sabe a cerâmica destas estações não é campaniforme. Situamo-la, precisamente, na cultura mista ou de passagem. Parece-nos também que é o que se deve fazer, em relação às do Norte, em virtude de não haver outro elemento tipológico para comparação.

O facto de se encontrarem, à superfície, fragmentos cerâmicos, alguns bastante pequenos, com desenhos e ornatos que lembram os encontrados em estações da cultura do vaso campaniforme, nada demonstra. Lembramos, por exemplo, alguns ornatos da cerâmica castreja do norte e sua técnica. Por outro lado, o exame da pasta e fabrico manual ou à roda, também não determina de forma nenhuma, que a cerâmica seja Eneolítica, do Bronze pleno ou castreja (idade do Ferro ou Bronze-Ferro). Podem-se encontrar no Eneolítico, como em períodos mais avançados, cerâmicas com ornatos lembrando os do campaniforme e com pasta grosseira manual. (Nos arredores de Lisboa, onde

(1) J. R. dos Santos Júnior, 1933 — *A cerâmica campaniforme de Mairós (Trás-os-Montes)*, «Sep. do vol. de Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães.

(2) A vinda a Portugal do Prof. Alberto del Castillo, especialista das culturas do vaso campaniforme, veio corroborar a nossa opinião quanto às cerâmicas do Norte. Com efeito, este Professor, no regresso da sua visita ao Norte do País, disse-nos que na realidade podíamos afirmar que a cerâmica ornamentada das estações do Norte de Portugal, embora muito interessante, nada tinha de campaniforme. Alberto del Castillo, 1928 — *La cultura del vaso campaniforme*, Barcelona. Idem, 1954 — *El vaso campaniforme*, Madrid.

a cultura do vaso campaniforme atingiu o seu maior desenvolvimento, ainda hoje se vêem nas olarias «saloias» tipos de vasos — sobretudo vasos de flores — com forma e ornatos campaniformes, evidentemente mais perfeitos. De qualquer forma, vê-se perfeitamente, essa sobrevivência que se arrastou ao longo de 4.000 anos, apesar de todas as invasões posteriores e de toda a espécie de vicissitudes. É um elemento real a ponderar, nestes complicados problemas prehistóricos).

Evidentemente que as cerâmicas ornamentadas do Norte podem ser eneolíticas, estamos certos disso, mas não são da cultura do vaso campaniforme. Continuamos a estar de acordo com os sábios Professores Bosch Gimpera, Mendes Corrêa, Alberto del Castillo e Padre Jalhay, etc., dizendo que a cultura do vaso campaniforme, Grupo português, veio instalar-se nas embocaduras do Sado e Tejo, por via marítima vinda da Andaluzia. Aqui se fixou, e como a arqueologia bem documentada demonstra, não ultrapassou o vale do Mondego povoando a área da Eira Pedrinha (Condeixa) e subindo até ao Seixo?

São estas pois, as conclusões que a prehistória nos permite dizer, quanto à cultura do vaso campaniforme em Portugal no estado actual da nossa investigação arqueológica.

A concluir podemos dizer com E. Jalhay (1) «ao despontar do segundo milénio antes de Cristo ou talvez antes (2), já um povo de navegantes cruzava as nossas costas do Atlântico, e as punha em comunicação com a Andaluzia por uma parte, com a Galiza, com a Bretanha, com a Irlanda por outra».

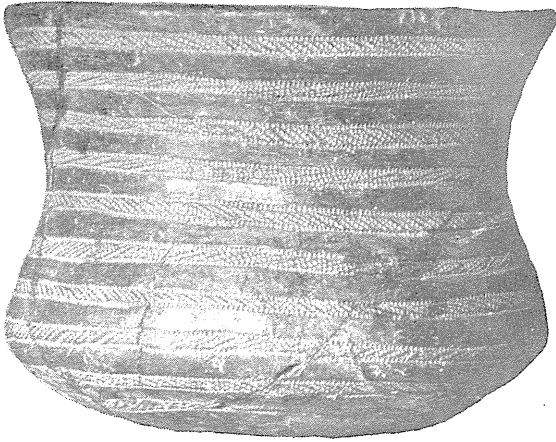
(1) E. Jalhay — 1936 — *A cerâmica eneolítica de Alapraia e a cultura do vaso campaniforme*. «Brotéria», vol. XXIII, fasc. 5, Lisboa.

(2) Jalhay cita o Prof. Bosch Gimpera, 1928. *O neo-eneolítico na Europa ocidental e o problema da sua cronologia*. «Trab. Soc. Port. Antrop. Etnol.», vol. III, fasc. IV, Porto.

Esse povo ao chegar às nossas costas, encontrou o indígena dos vales do Sado e Tejo e possivelmente Mondego, cruzou-se com ele, e contribuiu também para a grande heterogeneidade que já existia no Neo-eneolítico, como fruto, segundo o Prof. Mendes Corrêa, do refluxo de várias migrações humanas sucedidas já no Paleolítico superior e Mesolítico (1).

(1) A. Mendes Corrêa — 1928 — *A Lusitânia pré-romana*. «História de Portugal», 2.^a parte, Barcelos.

As fotografias dos vasos de S. Pedro do Estoril são da autoria do Sr. Eng.º Abreu Nunes, a quem muito agradecemos. Todas as outras são do autor. Agradecemos também aos Directores do Museu Regional de Torres Vedras todas as facilidades concedidas, assim como ao Presidente da Junta de Turismo de Cascais.



1



2

- 1 — Vaso de Alapraia (seg. Jalhay e Paço). Cerca de $\frac{1}{2}$ do tamanho natural;
2 — Vaso de S. Pedro do Estoril (fotografias cedidas pela Junta de Turismo de Cascais. Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural.



3

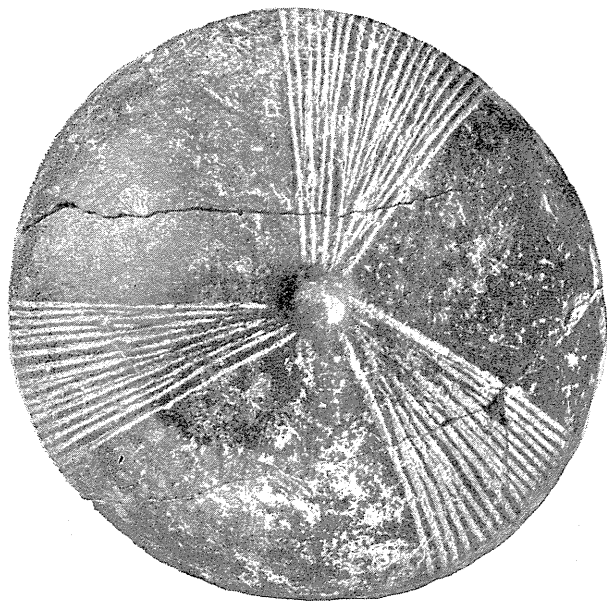


4

3 e 4 — Taça da Cova da Moura (Torres Vedras). Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural. Publicação gentilmente autorizada pelo Museu de Torres Vedras.

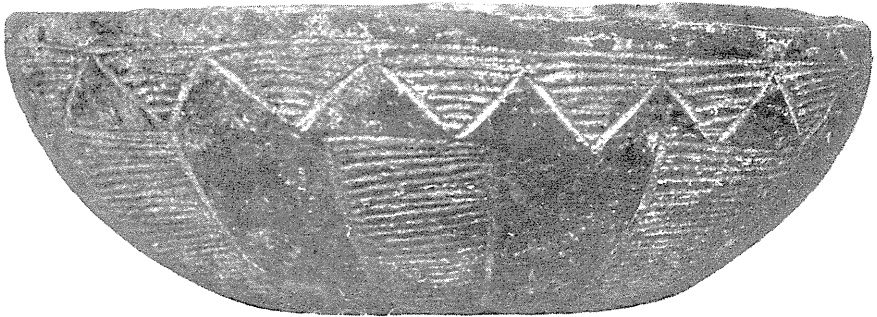


5

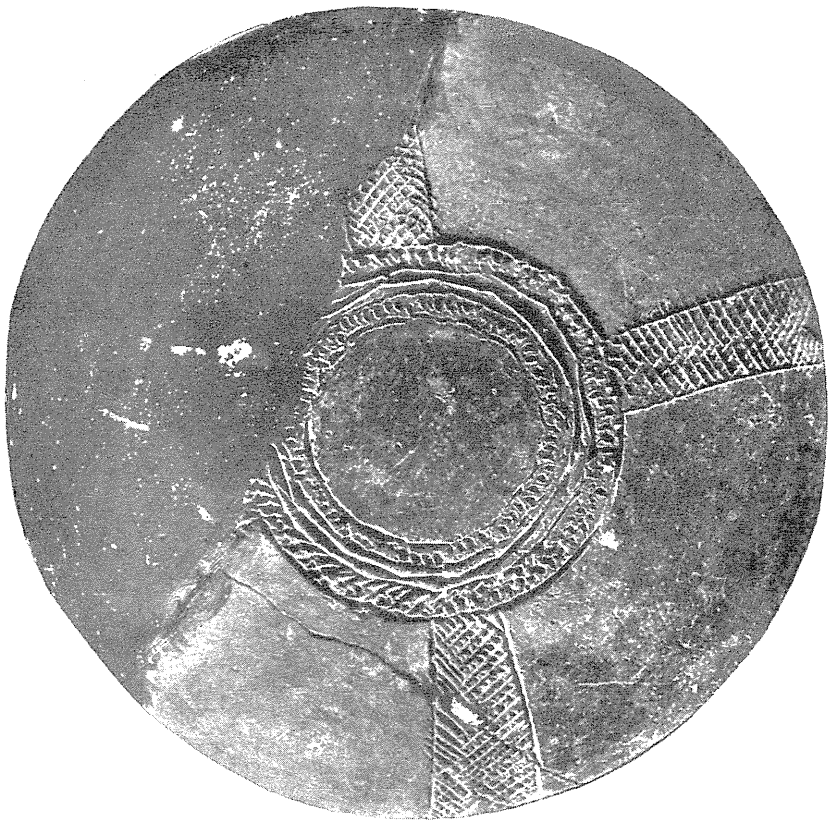


6

5 e 6 — Vaso de Alapraia (segundo Jalhay e Paço). Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural.

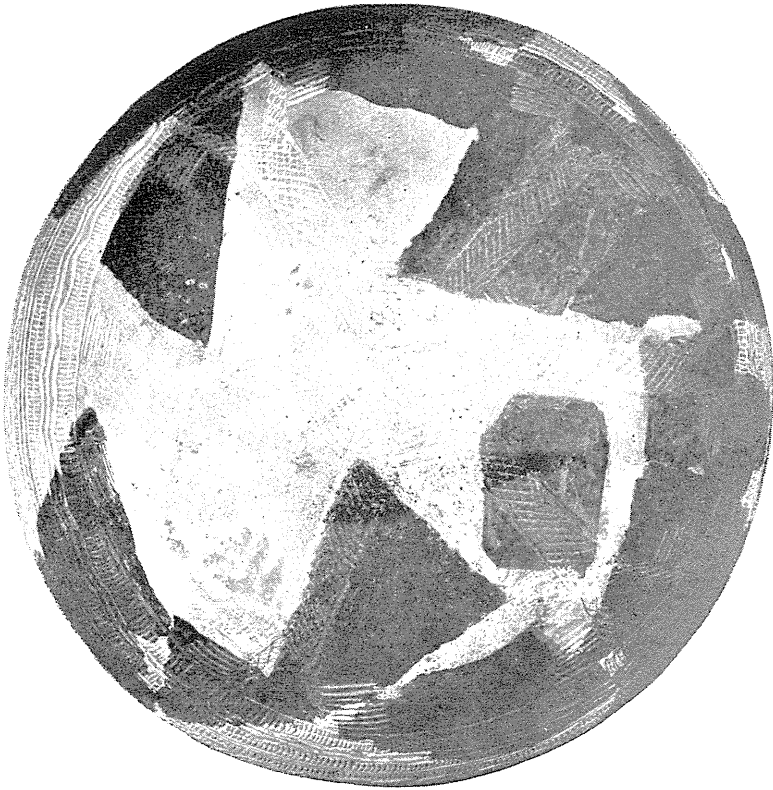


7

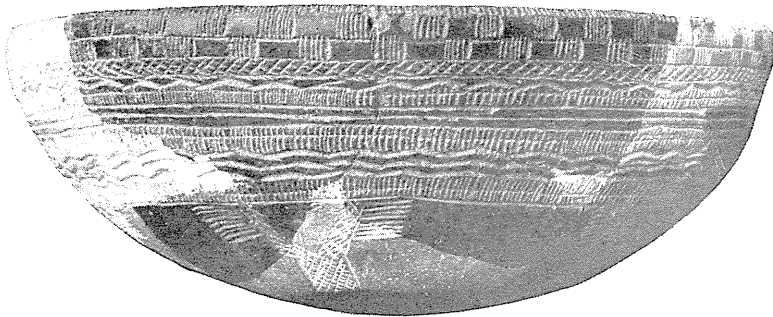


8

7 e 8 — Grande taça de S. Pedro do Estoril. Cerca de $\frac{1}{2}$ do tamanho natural.



9

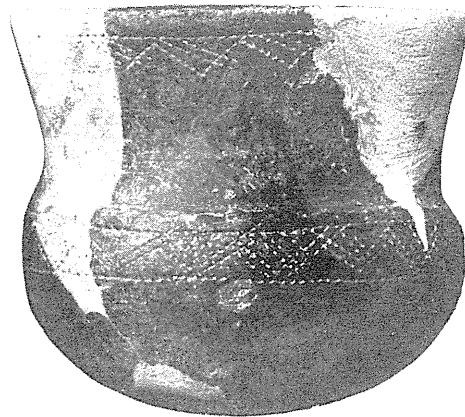


10

9 e 10 — Grande taça da Cova da Moura (Torres Vedras). Cerca de $\frac{1}{2}$ do tamanho natural.



11



12

11 — Pequeno vaso de Vila Nova de S. Pedro (seg. Jalhay e Paço). Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural; 12 — Pequeno vaso da Cova da Moura. Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural.

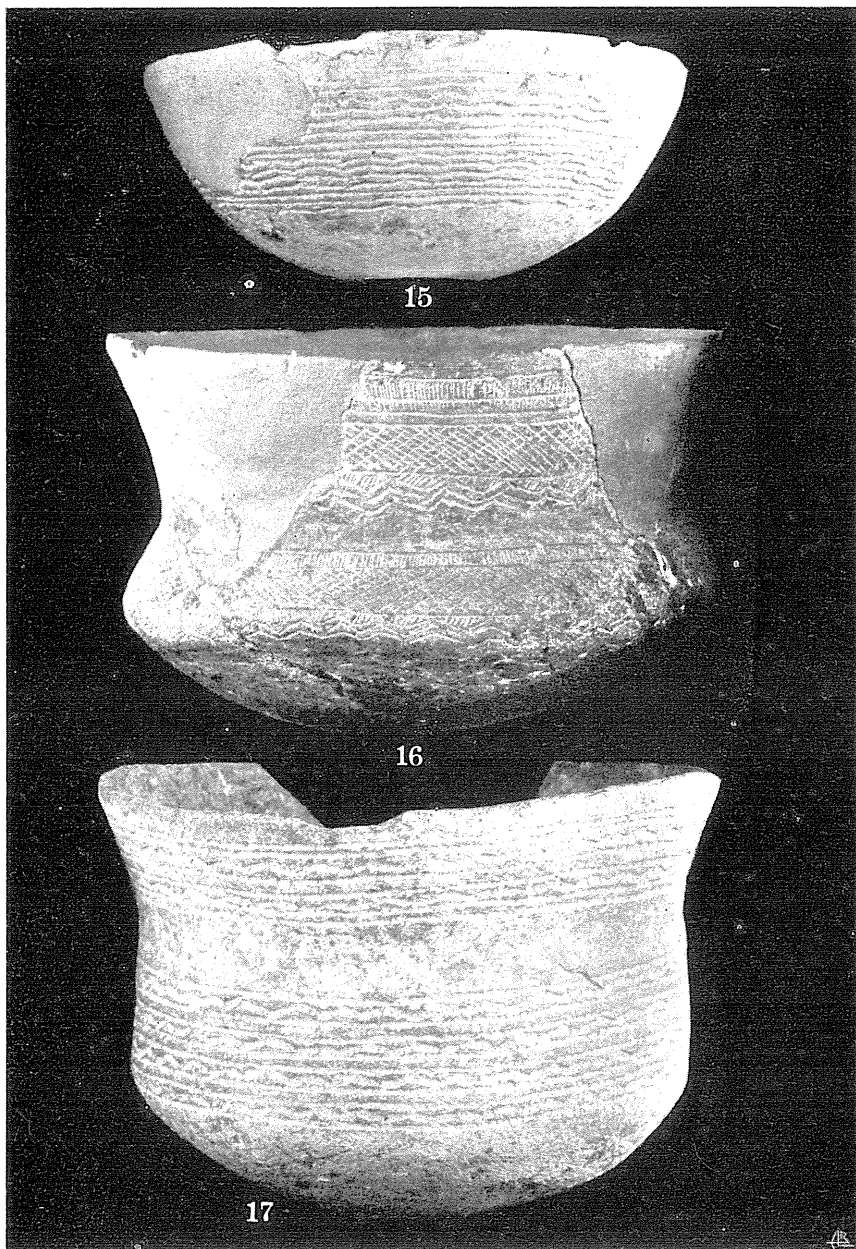


13

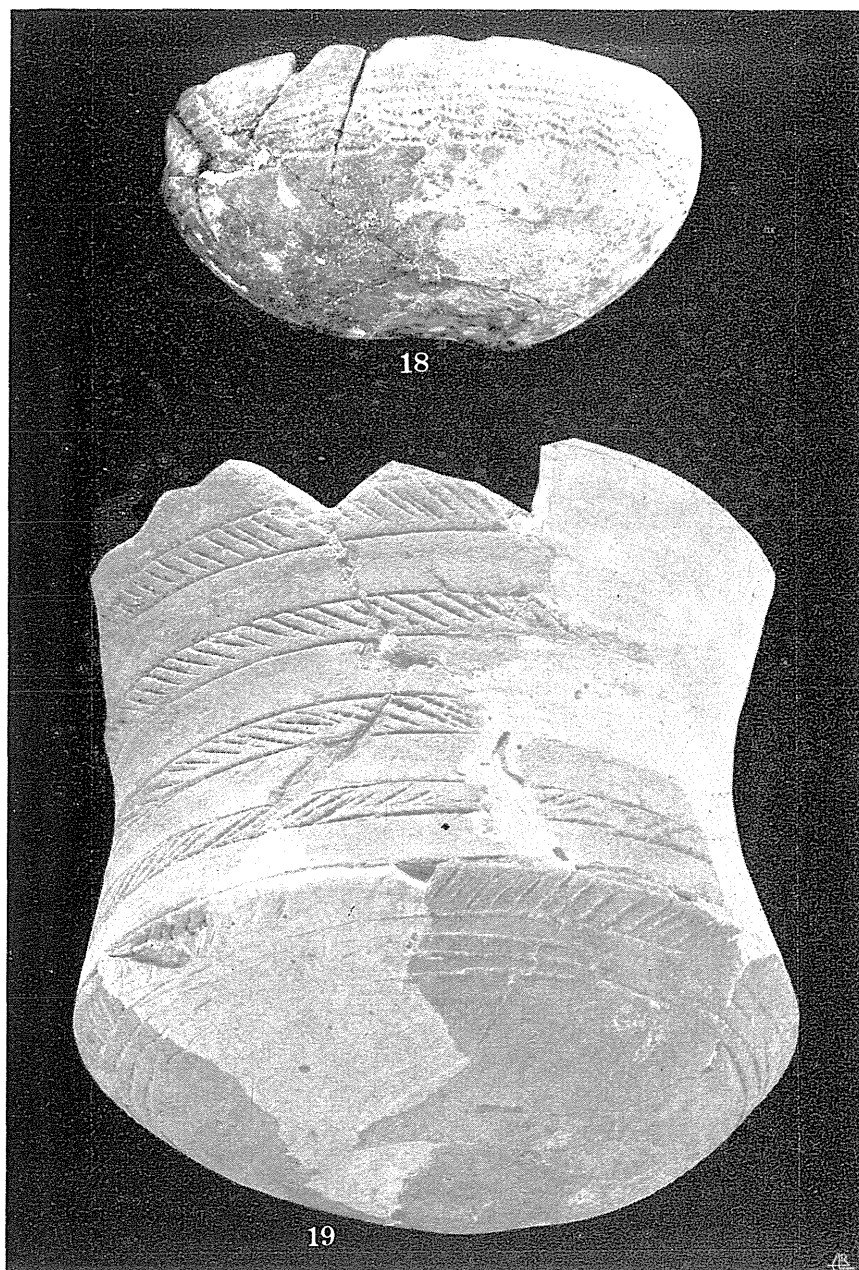


14

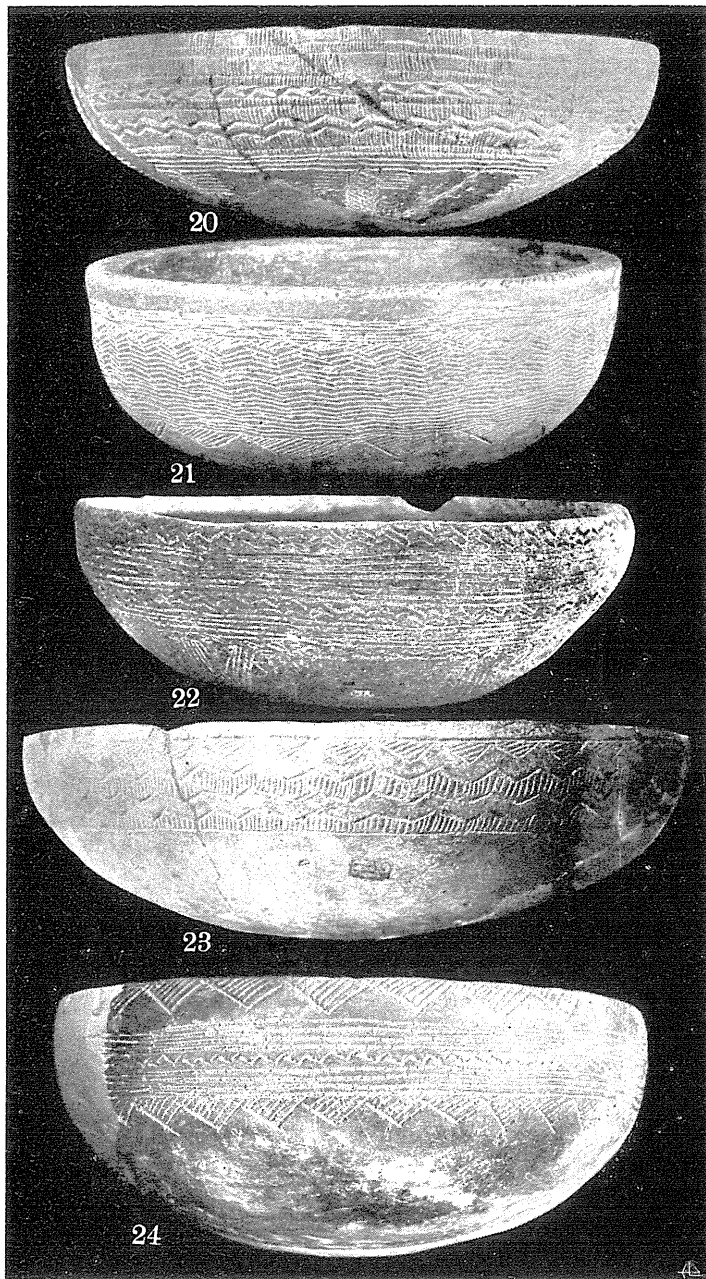
13 — Vaso de Vila Nova de S. Pedro (seg. Jalhay e Paço). Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural; 14 — Vaso de S. Pedro do Estoril. Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural.



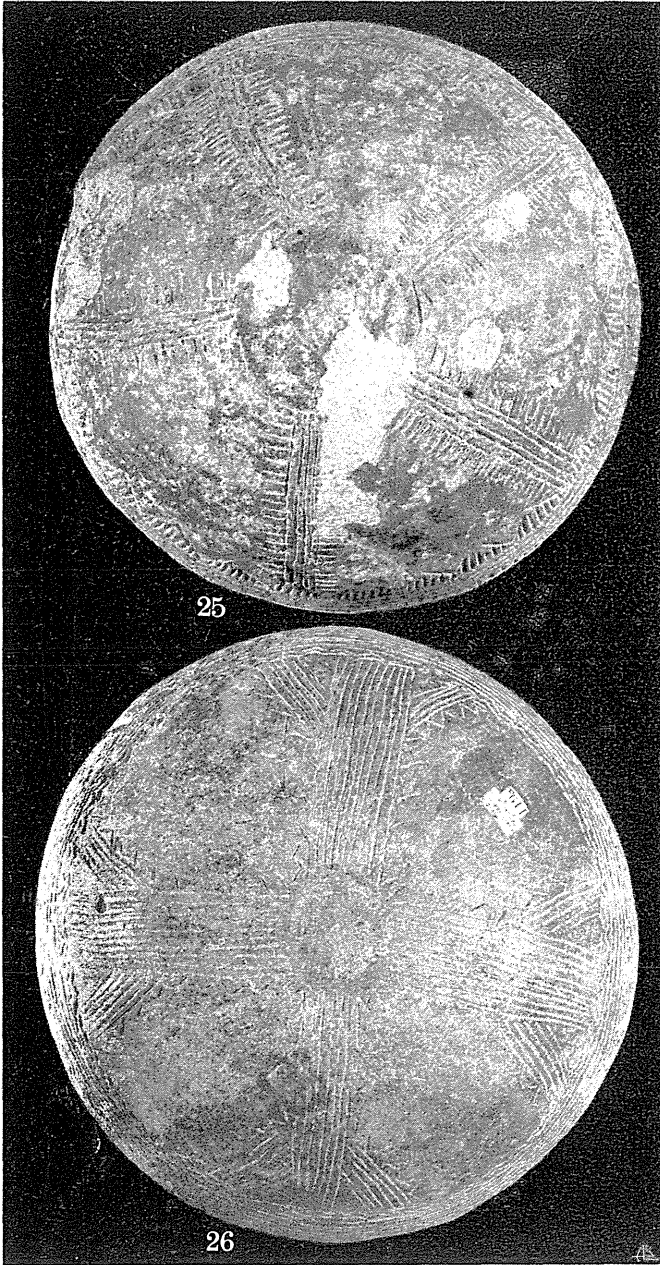
15 — Pequena taça de Palmela (coleção dos Serviços Geológicos de Portugal). Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural; 16 — Vaso de Palmela (coleção dos Serviços Geológicos de Portugal). Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural; 17 — Vaso de Palmela (coleção dos Serviços Geológicos de Portugal). Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural.



18 — Pequena taça de Palmela (colecção dos Serviços Geológicos de Portugal). Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural; 19 — Vaso da «Tholos» do Cabeço da Arruda (Torres Vedras). Cerca de $\frac{2}{3}$ do tamanho natural.



20 — Grande taça de Palmela (coleção dos Serviços Geológicos de Portugal). 225 mm de abertura; 21 — Taça de Palmela (coleção dos Serviços Geológicos de Portugal). 165 mm de abertura; 22 — Grande taça de Palmela (coleção dos Serviços Geológicos de Portugal). 210 mm de abertura; 23 — Grande taça de Palmela (coleção dos Serviços Geológicos de Portugal). 280 mm de abertura; 24 — Grande taça da Eira Pedrinha (seg. Mendes Corrêa e Carlos Teixeira). 230 mm de abertura.



25 — Taça de Palmela (colecção dos Serviços Geológicos de Portugal), 120 mm. de abertura. 26 — Fundo da taça n.º 22 deste trabalho.



27



28



29

27 — Grande taça de pé (cáliz) de S. Pedro do Estoril. 230 mm de abertura;
28 — Vaso de S. Pedro do Estoril. 160 mm de abertura; 29 — Fundo do vaso anterior.